



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 17 – Ano IX– 05/2020
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Cultura popular e processos educacionais: saberes outros a partir da festa dos caretas de Corta Facão em Lapão - Ba

Profª. Drª. Maria Dorath Bento Sodré
Doutora em Educação e Contemporaneidade
Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia
DCHT/Campus XVI-Irecê
<http://lattes.cnpq.br/8438947620200883>
E-mail: msodre@uneb.br

Eliseu Pereira Couto
Doutorando em Educação e Diversidade pela Universidade Federal da Bahia
Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia
Especialista em Currículo Escolar pela Universidade Federal da Bahia
<http://lattes.cnpq.br/4748984561912617>
E-mail: zeu_uefs@hotmail.com

Ana Paula Oliveira Santos
Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia
Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras.
<http://lattes.cnpq.br/2321340416751511>
E-mail: anaemilia@gmail.com

Resumo: Os Caretas de Corta Facão no município de Lapão - Ba. Uma festa simbólica que todo ano reúne pessoas de todas as idades no mesmo propósito de festejar, onde se fantasiam com diversas roupas e máscaras aterrorizantes e engraçadas. Nosso olhar se volta para a brincadeira tradicional da comunidade, O Folgado dos Caretas de Corta Facão ou A Festa dos Caretas, que é realizada anualmente em abril na semana santa, no sábado de aleluia. Essa festa ocorre a mais de cinquenta anos na comunidade de Corta Facão. Ela foi inicialmente concebida para homens, mas no decorrer das gerações as mudanças são inevitáveis e dizem muito da realidade social da comunidade. Sendo assim, o objetivo deste

trabalho é falar sobre a organização do Folgado dos Caretas, enfatizando os saberes e movências que a festa gera na comunidade de Corta Facão. Sabemos que a tradição das culturas populares que compõem as narrativas orais, transmitem saberes e ensinamentos que ultrapassam os muros da escola. Dessa forma, para essa pesquisa realizamos entrevistas e roda de conversas informais com os moradores da comunidade, trazendo para esse diálogo o aporte teórico que é apontado nas nossas referências. A importância em estudar as culturas é que elas contribuem para o entendimento dos processos de mudanças e transformações da sociedade e pela qual podemos entender suas nuances e particularidades e compreender melhor esse processo de transformação e como eles modificam a realidade de uma geração a outra.

Palavras-chave: Cultura Popular. Educação. Memórias. Saberes.

Amolando o facão: notas introdutórias

Neste trabalho apresentamos a brincadeira dos Caretas da comunidade rural de Corta Facão, não de forma meramente descritiva, o que já traria um belo texto. Este trabalho é tecido de forma a abarcar as vivências e a analisar as narrativas orais dos moradores que preservam, recriam e reciclam as memórias em torno de uma tradição a qual pesquisamos em uma perspectiva da educação informal, onde as vivências do cotidiano e tudo que é disponível geram situações de aprendizagem por meio da troca de saberes entre as pessoas.

Analisamos a partir das narrativas orais qual a relação entre tradição, educação e memórias. Como a tradição desse jogo lúdico e teatral influencia na vida das crianças e jovens da comunidade? Quais as implicações sociais em torno da participação das mulheres? Dentre outros questionamentos que podem surgir ao longo dessa trilha textual.

Nosso olhar se volta para uma brincadeira tradicional da comunidade. O Folgado dos Caretas de Corta Facão, que é realizado anualmente em abril, na semana santa, no sábado de aleluia. Nosso interesse na festa popular diz respeito à cultura e memórias, tendo em vista as representações simbólicas do festejo popular e de que maneira ela representa a memória histórica, vivenciando a tradição e repassando de geração em geração.

Folgado quer dizer brincadeira, bastante comum no nordeste e pode ter origem religiosa (católica ou africana) ou folclórica. Caracteriza-se pela presença de músicas, danças e representações teatrais que com o passar do tempo foi se

modificando, incorporando novas coreografias, vestimentas, usos de máscaras, etc. Os folguedos fazem parte da cultura popular e do folclore brasileiro.

Corta Facão é um povoado pequeno do município de Lapão-Ba constituído por algumas famílias. Sua extensão compreende apenas duas ruas. A Rua Melquídes da Silva e a Rua João Batista, as quais são chamadas pelos moradores da comunidade como rua de cima e rua de baixo. Antigamente o lugar era apenas caatinga. Conta um morador antigo que a terra foi comprada pelo seu avô Melquídes Cairara, depois foi morar ali a família dos Gambás e que no lugar existiam apenas essas famílias. Mas atualmente existem outras.

O nome do lugar foi escolhido a partir das histórias que os mais velhos contam até hoje. Diziam que os primeiros moradores ouviam um tilintar de facões caatinga adentro como se alguém tivesse “abrindo uma variante”, abrindo estrada na mata. Porém, quando tentavam chegar perto para ver quem fazia o barulho, o som mudava de direção, e nunca se soube quem fazia o facão tilintar. Por causa do barulho do facão a cortar é que chamaram o lugar de Corta Facão. Assim no imperativo, como quem manda. Corta Facão! Essa é a principal história de “livusia” ou assombração que se conta do lugar.

As famílias que residem hoje na comunidade tiram seu sustento da roça, com o plantio do milho e feijão sequeiro ou ainda a mamona e cebola. Para aqueles que não têm roça resta trabalhar na diária para um produtor maior. Os mais velhos permanecem com suas aposentadorias enquanto que os mais jovens vão se aventurar em outros lugares na busca de empregos e melhores condições de vida e muitas vezes não retornam.

A brincadeira dos caretas não é algo exclusivo da comunidade de Corta Facão, nem mesmo da região de Irecê. Esta festa é encontrada em outras regiões, onde as pessoas se fantasiam, usam máscaras e castigam o boneco do Judas. A festa traduz alegria e força. Força que convive com o passar do tempo, com modernização das coisas e a rapidez das comunicações, que tem atraído o olhar dos jovens para as tradições. Esta é uma festa tradicional com base no catolicismo popular que reúne um conjunto de símbolos e significados que mantêm vivas a tradição e memórias do povo local. Portanto, esta pesquisa se mostra relevante para a preservação dos costumes e continuidade das identidades que caracterizam o viver da comunidade rural de Corta Facão.

Sem a pretensão de um conceito: diálogos sobre cultura e culturas populares

Por que dançam noites a fio as pessoas pobres do país, vestidas de farrapos nos dias de trabalho, vestidas de reis nas noites de festa? Por que as pessoas contam e recontam as histórias que ouviram dos avós e entre si repetem lendas do sertão? Por que criam? Por que cantam? Por que simbolizam? Por que dançam? Por que crêem? (BRANDÃO, 1984, p.12).

Achamos pertinente esta citação de Brandão, porque ela traz reflexões acerca do ser, do sentir e do viver do povo. Não importa se pobres ou ricos as pessoas tem necessidade de se expressar, de cantar, dançar e crer. Todos crêem em algo ou em alguém. Até o ateu tem a crença de que nada mais existe. As histórias e lendas, danças e crenças são as expressões mais genuínas da cultura de um povo.

Uma das explicações de José Luiz dos Santos (1987) sobre a cultura é que ela remete aos aspectos de uma realidade social. Sendo assim, esta cultura se refere à existência e características de um povo ou sociedade. A cultura popular é também um indicativo social e pode evidenciar contrastes sociais no seu modo de falar, de vestir, nos ensinamentos dos mais antigos para os mais jovens que se dividem entre a tradição e o moderno, entre a escola e a sabedoria de seus avós. A cultura abrange tanto os aspectos de organização da vida social como os aspectos materiais. (SANTOS, 1987, p.8).

O saber popular que é passado de geração em geração pela oralidade e imitação revela um sentido de ser perpetuo, de conectar-se aos ancestrais e continuar a existir. Um ciclo sem fim, um modo de vida que estrutura modos de pensar de sentir e ver o mundo e representá-lo na troca de bens e símbolos de acordo com uma tradição que serve como via de regra inquestionável segundo a sabedoria tradicional e os costumes. Este saber faz parte dos estudos das narrativas orais, pois não há registro documental, tampouco um sistema complexo e específico de educação. O que é ensinado e aprendido acontece pelo convívio cotidiano. A troca de valores e saberes se dá segundo Brandão (2013) pelos “processos sociais de aprendizagem”, que envolve a interação e observação dos mais jovens interessados, e das crianças que assistem.

Estes processos sociais de aprendizagem geram uma atmosfera educativa por toda a comunidade. A tradição ensina às novas gerações a convivência, o respeito às diferenças, a tolerância. E mesmo que não tenha um sistema rígido e regrado escolar envolvido neste projeto festivo, existe para a comunidade muitos saberes que envolvem tipos específicos de ensinar, e isto faz com que os envolvidos criem situações e métodos para ensinar os mais jovens e assim continuar a preservar o saber e a tradição.

Há muito tempo se fala em cultura como sinal de sofisticação e educação. Hoje em dia, muitos se referem a manifestações artísticas como a pintura, escultura, música e teatro, pode também referir-se as cerimônias e festas tradicionais, crenças e lendas ou ao modo de falar e vestir de um povo. A cultura tem uma lista um tanto ampla de significados.

Para nos ajudar a entender, Santos (1987) traz duas concepções sobre cultura: uma que se relaciona a todos os aspectos de uma realidade social, ou seja, ao modo de vida de um povo, sua organização, modo de falar e vestir. Também a situação econômica e bens materiais. Tudo que esteja diretamente ligada à vida das pessoas diz respeito a sua cultura.

A segunda concepção está ligada ao conhecimento, ideias e crenças. Quando se fala em cultura aqui está associado a tudo que faz parte do campo das ideias. Podemos falar de uma cultura apenas pelo aspecto do conhecimento, quando nos referimos a sua literatura ou filosofia, ou a sua crença. É o modo como estes conhecimentos interferem na vida social. Como estes aspectos ideológicos moldam a maneira de ser e de pensar de um povo.

O estudo das festas populares considera tanto a realidade social do povo, quanto o seu conhecimento para entender o funcionamento e a origem das festas. Entender como vivem, o trabalho que realizam para tirar o sustento e como educam seus filhos. Estes aspectos caracterizam um povo. Buscar entender a história, a política e crenças dão ao pesquisador suportes teóricos e práticos para compreender a dinâmica social dos festejos populares e como eles são concebidos na vida do povo.

O pesquisador está interessado em interpretar a história, em compreender as particularidades dos costumes e crenças de um povo, muito embora falar de uma cultura única se encontra cada vez mais escasso, tendo em vista que as culturas

cada vez mais partilham processos históricos comuns e semelhanças no modo de formação e organização.

A cultura popular é expressão usada para caracterizar um conjunto de elementos culturais que caracterizam uma região ou país. Classificada também como cultura tradicional, ela traz um conjunto de manifestações criadas por um grupo de pessoas que participam dela e passam de geração em geração. No pensamento de (ARANTES, 2012, p.7) “cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas [...]. São muitos os seus significados e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre”. Já para Ruth Benedict (2001), a cultura é como uma lente pela qual o homem vê o mundo. Cada cultura uma lente, uma maneira de interpretar a vida, homens de culturas diferentes, usam lentes diversas, conclui a autora.

Para (BENEDICT, 2001 p.68) “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural”. O folguedo dos Caretas de Corta Facão mantém tradicional a festa. No que diz respeito ao modo de concebê-la, em sua organização, mantém as mesmas regras, mas cada geração produz uma lente que através da cultura conseguimos interpretar, identificar novas acepções e valores, novos comportamentos, novas maneiras de ver o mundo. A tradição pode continuar, todavia as produções de significados variam socialmente. Assim, podemos entender com mais clareza o que Arantes (2012) fala sobre o cuidado em pensar a cultura popular como sinônimo de tradição no que diz respeito à ideia de que sua plenitude máxima se deu no passado. Pensar desse modo implica em colocar as modificações num lugar de pobreza e de diferença.

Esta concepção de plenitude não ficou restrita ao passado na comunidade de Corta Facão, pois seus participantes falam entusiasmados que “este ano a festa foi mais bonita”, teve a participação de mais jovens e adolescentes que garantem o vigor e continuidade da tradição. Valternei Batista Miranda¹, um dos organizadores da festa, em entrevista nos conta que no ano que vem a festa entrará para a história. Diz ele: “O ano que vem nós tamos querendo fazer aí pra ficar na história”. Notamos aqui que não há aquele saudosismo que faz as pessoas estacionarem no tempo.

¹ Entrevista concedida por Valternei Batista Miranda em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas desse entrevistado no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

Desejarem que tudo seja igual a como era no passado. O que existe é uma vontade de fazer melhor a festa a cada ano.

A festa dos caretas ocorre a pelo menos trinta anos na comunidade de Corta Facão. Foi inicialmente concebida para homens, mas no decorrer das gerações as mudanças são inevitáveis e diz muito da realidade social da comunidade. É sobre esta realidade na qual um pequeno povoado de uma pequena cidade, onde residem algumas poucas famílias que se sustentam com o plantio e outra parte com o trabalho pesado na roça dos outros para ganhar algum dinheiro que descrevemos aqui.

O pai passa a maior parte do dia na roça, enquanto a mãe fica em casa cuidando dos afazeres domésticos, isso se não for dia de ir para os Caldeirões (buracos de Pedras cheios de água da chuva) para lavar roupa. Neste dia vai toda a vizinhança fazer lavagem coletiva de roupas. Em época de colheita geralmente vão todos os membros da família inclusive as crianças.

Dessas passagens que acabamos de narrar guardamos lembranças próprias, das lavagens de roupa coletivas aonde íamos com a família e outras crianças para ajudar nossas mães, mas no final acabávamos nos divertindo mais do que trabalhando. Bem diferente dos dias de colheita e de pegar lenha para cozinhar, onde o trabalho era pesado e cansativo, porém necessário para a manutenção do lar.

A vida na comunidade não é fácil e por isso mesmo não facilitou para as mulheres que nem sempre ficavam incumbidas apenas do trabalho doméstico. O trabalho braçal seja na roça capinando ou plantando ou na caatinga para apanhar lenha são ofícios do cotidiano dessas mulheres e em algumas casas são elas que chefiam e sustentam.

Num lugar pequeno, de poucas famílias onde todos se conhecem, jovens e velhos homens e mulheres, nos deixaram lições de saberes outros, principalmente as mulheres. Elas possuem característica destemida e de liderança, o que torna a presença delas no folguedo tão marcante e justificável, pois na maioria das casas que passamos para entrevistar, notamos este espírito enérgico que cada uma traz juntamente com suas filhas aprendizes.

Em conversa com Valdirene² surgiu a seguinte questão: Os moradores de Corta Facão são menos preconceituosos do que os moradores de outros lugares?

Dizem que sempre nós é diferente de todo mundo, Corta Facão é bom. Nós sempre foi liberal, pra qualquer coisa, a gente não tá nem aí, cada um faz o que quiser da sua vida, mas eu sei que é muito criticado por muitas coisas, só que não tá nem aí. E se o ano que vem eu tiver bem, vou brincar de novo. É que no dia que foi pra brincar mesmo era... as novinhas né que era Josi, a menina Brisia e a menina de Nei. Aí eu falei que se tivesse alguém da minha idade que eu iria. Mas não, não tem nada não. Eu sozinha não, que eu falei, já fiquei mei cismada uma veona andando no mei das novinhas, ai foi quando Sandra se envolveu. (informação verbal).

A única preocupação de Valdirene é se na brincadeira terá mais alguém da sua idade, pois segundo suas palavras é feio uma “veona” no meio das novinhas. Em nenhum momento sua preocupação é com o público masculino que ainda é maioria, mas porque seria? Esta é questão já superada pela própria característica e representatividade das mulheres destes lares. Como descrevi em parágrafos anteriores sobre a força e resistência dessas mulheres que são donas de si e são verdadeiras influências na comunidade e principalmente para suas filhas.

Todos se unem no mesmo propósito de festejar e dar continuidade a tradição e a cada ano mais jovens se interessam em participar. Pais e filhos, mães e filhas. A cada ano a festa chega a sua plenitude. O organizador da festa, Valternei Batista Miranda, nos afirma em um dos nossos momentos de roda de conversa e entrevista: “este ano foi lindo! Este ano foi muito mais gente”. Esta frase revela certo desapego com o passado e o desejo de fazer melhor a festa a cada ano. A diversidade causada pelas modificações fortalece a tradição, ou seja, sem diminuir o brilhantismo dessa festa, a cada ano soma novas aprendizagens e alegrias.

“Um grande grupo de autores pensam a cultura popular como “folclore”, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais.” (ARANTES, 2012, p.17). A cultura popular é entendida por muitos como contraste ao que é “Culto”, popular é frequentemente associando a “povo” e ao “fazer” com as próprias mãos, ao trabalho manual desprovido de “saber” e o saber pertence ao culto, a elite. As concepções saber e fazer são básicas para a manutenção das classes sociais de acordo com Arantes.

² Entrevista concedida por Valdirene Alves de Miranda em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas dessa entrevistada no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

Mas se a cultura popular tem essa conotação na manutenção da opressão, como ela pode ter papel de resistência contra a dominação de classes?

No livro *O que é cultura popular* (2012), Arantes traz duas concepções para cultura popular: uma diz respeito aos aspectos tecnológicos, como técnicas de trabalho, conhecimentos medicinais e conhecimentos do universo. A segunda diz respeito às formas artísticas de expressão de um povo ou grupo, relaciona a sua literatura oral, músicas, teatro, culinária dentre outras manifestações. É sobre essa última que dialogamos aqui nesse trabalho a partir da festa, suas manifestações e performances.

No que se refere à cultura massificada, alguns aspectos e valores são implementados socialmente por meio dos mecanismos de produção e divulgação de ideias. É claro que estou falando dos meios de comunicação de massa como o rádio e a televisão. O que é curioso é que uma das versões de início dessa festa está ligada diretamente à influência dos meios.

Alguns moradores de Corta Facão ao ver na TV uma festa popular decidiram reproduzir ali a sua versão da festa, numa época em que não havia TVs em todas as casas. Assim, esse meio de comunicação surge como fonte de inspiração de uma tradição aonde não existia possibilidade de imigração. Sobre essa questão Valternei nos afirma:

Nós nem ouviu falar de negocio de careta quando nós inventemo de brincar... só de passar na televisão né, que era o sofrimento de Cristo e soltavam uma vaca e matavam ai nós vimos isso daí...reunimos ai, eu e Giuberto, Carlinhos, Neuto, Gean, reunimos aí.

É inegável que os meios de comunicação mudaram a vida das pessoas em todo o território nacional, ditando comportamentos e hábitos, modificando a maneira no modo como as pessoas se relacionam, trabalham, estudam, enfim, se organizam em sociedade. Partindo deste prisma, a cultura também sofre mudanças em todos os níveis culturais, se reconfigurando. “Onde quer que cheguem os meios de massa, não passam incólumes as crenças, os saberes e as lealdades.” (SARLO 1997, p.102).

Em uma visão preconceituosa de alguns autores, essa reconfiguração vem da necessidade midiática de “limpar” os costumes considerados, ingênuos, de mau gosto, pitorescos para que se tornem digamos mais comerciais. “E por mais

contraditórios que possa parecer, são exatamente esses objetos e modos de pensar considerados simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes os que reproduzimos [...] em nossas festas e comemorações nacionais”. (ARANTES, 2012, p.15).

Essa divulgação e compartilhamento de costumes e tradições contribuem para uma padronização de comportamento, nem sempre por meio da comunicação de massa, regiões próximas são afetadas pelo contato pessoal. Beatriz Sarlo fala sobre consumo imaginário que acontece quando as pessoas crêm identificar gostos, desejos comuns com outras pessoas que pode nunca se encontrar, mas por acreditar nos mesmos ideias e crenças, tem esse sentimento de pertença a uma comunidade, país. Esse consumo imaginário reforma os modos como os setores populares se relacionam, ou seja, ele tem o poder de modificar as crenças, enfraquecer as “certezas tradicionais”. Não foi de uma hora para outra, antigamente as identidades tradicionais eram mais estáveis. Hoje, essas identidades se encontram “desestabilizadas pela desaparecimento de certezas tradicionais e pela erosão da memória” (SARLO, 1997, p.105).

As tradições têm seus aprendizados e suas certezas. O conhecimento que era passado de geração em geração era tido como verdade absoluta e inquestionável, porém o consumo imaginário gerado pelos meios de comunicação de massa bem como a vida urbana, geraram novos saberes e certezas causando essa “desestabilidade” do tradicional.

Por meio da televisão o folguedo dos caretas chegou à comunidade de Corta Facão e dali se espalhou para outros lugares, pelos próprios moradores, que foram brincar em Mato Verde e Circo de Ibititá, influenciando os moradores desses povoados que adotaram a festa e passaram a festejar eles mesmos a sua maneira. A festa então vai se reconfigurando, assumindo outras identidades a partir do local. Outros brincantes vêm de outras comunidades próximas para observarem os Caratas de Corta Facão. Segundo Valternei, “Depois de três ou quatro anos foi que os meninos de Tanquinho vieram pra aqui pra brincar mais nós pra ver como é que era. Quando nós saía brincava no Mato Verde, Circo.”

Mesmo sendo tão perto e ter vindo de Corta Facão, os moradores de Mato Verde fizeram sua própria interpretação da festa. As diferenças são bastante notáveis. Isso denota, na nossa visão, que cada lugar tem sua necessidade própria,

sua característica que diferencia dos demais e uma realidade distinta que define o caráter e identidade de um grupo. “É tanto que é diferente, os caretas daqui pro Mato Verde... Mudaram lá”³. Informou-nos Narjara Brito Miranda, filha de Valternei, organizador da festa. Por sua vez, Valternei reprova a forma como os aprendizes de Mato Verde brincam a festa: “Mato Verde eles não sabem brincar não, eles brincam lá durante o dia uma brincadeira sem graça e a noite qualquer um pode vestir. Faz uma roda pra bater nos outros. Não[pausa] é diferente daqui.” Ao ouvir nossa conversa, a esposa dele, Girlane Mendes Brito também destaca um traço da festa que não é adotado pelos brincantes de Mato Verde. “Lá não tira as máscaras dos caretas, não.” Um ritual ou costume que tem os Caretas de Corta facão de despirem das máscaras no final do percurso do movimento e performances.

Percebemos pelos relatos que mesmo os lugares mais próximos e que mantêm maior contato com a comunidade de Corta Facão, modificaram a brincadeira, acredito que para melhor se adequar ao modo peculiar de ser de cada comunidade. Mas as características que eu chamo de universais são aquelas que permanecem intactas através dos tempos. Uma das características universais dessa festa popular é a presença dos caretas (pessoas mascaradas com chicotes) e a figura emblemática do Judas (boneco de pano confeccionado por morador).

Em todos os lugares os caretas andam pelas ruas pedindo donativos e dinheiro, carregam o boneco consigo, batem com o chicote em quem passar pela rua, porém há lugares em que a festa acontece que eles já não trazem esse costume de bater. É o caso de Lagoa dos Patos de Lapão, onde a brincadeira é mais passiva. Em contrapartida os caretas de Corta Facão são temidos pelos moradores por serem muito violentos, mas com a nova juventude essa característica está aos poucos se modificando. Eles são responsáveis por novas reconfigurações que a festa vai assumindo, porque “sem jovens, não existe possibilidade de transmissão cultural.” (SARLO, 1997, p.105).

O ponto alto da brincadeira é quando todos vão para a rua de baixo que é o local onde a brincadeira sempre termina. Lá um grupo maior de pessoas tenta arrancar as máscaras dos caretas e tentam pegar as bebidas que eles deixam no

³ Entrevista concedida por Narjara Brito Miranda em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas dessa entrevistada no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

chão em volta do Judas. A brincadeira só termina quando roubam o boneco ou quando todas as máscaras são arrancadas.

As máscaras existem há muito tempo na sociedade e elas possuem diversos significados que vai depender do seu contexto social e histórico na qual se insere. Muitos contadores de histórias as utilizavam para dar mais representatividade aos seus contos, povos diversos utilizavam em rituais sagrados. No Egito Antigo colocavam máscaras enfeitadas de ouro e pedras preciosas para adornar as múmias. Nativos brasileiros usavam máscaras que representavam os animais em outras tribos, elas eram usadas em rituais de cura, para afastar maus espíritos. Daí elas foram para o meio artístico, sendo usadas principalmente para apresentações teatrais. Um dos motivos para atuar com esse adereço era a preocupação em não invocar os mortos. Hoje elas são usadas em inúmeras festas como o carnaval e o *halloween* dentre tantas outras.

O fato é que as máscaras estão presentes em praticamente todas as civilizações. Elas possuem significados distintos que vai desde o religioso ao profano, do coletivo ao pessoal. Elas tem o poder de esconder o real e de criar outras realidades, e mesmo que elas não sejam materiais, podemos falar no conceito de máscara que é quando criamos identidades temporárias para determinada situação. De fato as usamos o tempo todo para ser aceitos em determinado grupo. Para esconder quem somos ou os nossos sentimentos criamos máscaras sociais.

Em todas as sociedades ela revela um significado, uma conotação diferente, seja para rituais religiosos ou festas tradicionais. A máscara esconde as feições e colocam todos como iguais, indistintos. Com elas podemos ser outra pessoa, esconder a verdade ou justificar uma ação. Os caretas podem bater nas outras pessoas enquanto estão mascarados, esconder quem são porque não se sabe ao certo quem está por trás da vestimenta e quais são as intenções.

Os caretas podem ser homens ou mulheres, jovens ou velhos. Com as máscaras todos ficam iguais na performance mítica. Segundo alguns moradores os caretas podem ser os soldados por que eles protegem o Judas, para outros eles são o povo de Deus que crucificou Jesus por não reconhecê-lo como Cristo e por isso protegem o Judas. Quando retiram a máscara, pode significar a descoberta da verdade e por isso revoltam-se contra Judas num sinal de redenção.

Enquanto se usa a máscara o indivíduo é mais um no grupo, é aceito pelos seus semelhantes, ele desempenha um papel que visa manter o funcionamento grupal juntamente com os demais integrantes assim como uma célula de um organismo. Esse exemplo é bem adequado se compararmos a sociedade como um organismo vivo e dinâmico e as pessoas como células mantenedoras que se organizam em função do todo.

Após a retirada do adereço esse indivíduo não pode mais fazer parte daquele grupo, pois ele não mais se encaixa, não está adequado, não corresponde as características exigidas para ser membro. Porém ele agora pode fazer parte do outro grupo de indivíduos também sem máscara que visa a outros propósitos. Este último tem a missão de retirar as máscaras do primeiro grupo, dando fim na brincadeira que é finalizada com a queima do boneco Judas.

Não são apenas as máscaras que possuem significado, as roupas também possuem significação simbólico como afirma Arantes (2012). De fato para cada ocasião usamos uma roupa específica, para nos adequarmos ao ambiente e as situações. Não usamos a roupa da balada no trabalho ou na igreja, ela também pode indicar hierarquia.

De acordo com Arantes, estudioso da cultura:

A questão a ser enfrentada é que, em um dado meio cultural, eles possuem significação simbólica, ou seja, eles carregam fragmentos de um código com o qual se constroem afirmações metafóricas a respeito das relações sociais vigentes [...] Os trajes e uniformes constitui afirmação simbólica acerca dos status respectivo. (ARANTES 2012, p. 28).

Isso implica que a roupa pode revelar em que condições se encontra um indivíduo. Se está bem vestido, com traje elegante de boa qualidade pode significar que a pessoa é abastarda, tem condições financeiras melhor ou tem um cargo de trabalho elevado, mas se o indivíduo usa roupa de baixa qualidade indica que suas condições financeira é menos do que a do primeiro.

De fato as roupas podem evidenciar disparidades sociais. “Por que dançam noites a fio as pessoas pobres do país, vestidas de farrapos nos dias de trabalho, vestidas de reis nas noites de festa?” (BRANDÃO, 1984, p.12). As roupas indicam posição social como foi evidenciado anteriormente, mas para, além disso, por que aqueles que se vestem de farrapos para trabalhar demonstrando a sua posição menos na hierarquia social são os mesmos que se vestem de reis nas festas?

Neste caso a roupa ganha outra conotação, ela está dotada de significação simbólica, vestidos de reis é a simbologia inserida na vestimenta, pois o indivíduo não ascende socialmente ao vestir-se, o que acontece é que ele torna-se simbólica e temporariamente carregado de representatividade mítica.

No folguedo dos Caretas as roupas, assim como as máscaras tem sua representatividade, elas são as mais diversas, as pessoas costumam vestir peças sobre peças, usam vestidos com calça, saias, botas, sapatos, chapéus, cintos ou cordas para amarrar tudo. As roupas não evidenciam hierarquia entre os integrantes. Apesar das mais diversas tem o objetivo de esconder a identidade dos participantes. Desse modo, quem assiste não consegue saber se o indivíduo é homem ou mulher, se é adolescente, jovem ou velho. Na brincadeira não há maior ou menor, nem gênero, apenas o coletivo.

De outro ângulo a ótica externa revela mais do que isso, se internamente a brincadeira é homogênea e não faz distinção entre as pessoas, partindo do pressuposto de que o funcionamento da festa não depende dessas questões, a história é diferente quando analisamos para além da festa. Quando olhamos o contexto onde a festa se insere passamos a perceber os fatores sociais que evidenciam visivelmente as condições da comunidade em questão como hierarquia, condições de trabalho e de educação. Por um lado, se a festa homogeneíza, ela também deixa ainda mais evidente a diversidade daquela comunidade.

Entre chicotes e máscaras: um histórico da festa e suas formas simbólicas

Um dos motivos para realização dessa pesquisa, sobre a festa popular se dá pela importância em preservar e valorizar o bem imaterial da cultura e das memórias produzidas. Parte dessa memória, guardamos da nossa infância, pois desde crianças gostávamos de assistir a brincadeira dos caretas. Ficávamos em pé em cima da calçada gritando e olhando para ver se alguém corajoso descia da calçada para tentar desmascarar o careta.

Os caretas batem com chicote em qualquer um que se atrever andar pelas ruas. Nossas lembranças nos reportam a uma vez que um amigo correu entre os caretas e tentou lhe tomar o chicote, entretanto outros caretas o cercaram e o

chicotearam. Apenas os homens se fantasiavam, vestiam vários tipos de roupa, pois não tinham vestimentas específicas. Geralmente usavam roupas sobrepostas para esconder as siluetas a fim de que ninguém pudesse reconhecer o folião. Tinha uma regra de que quem adivinhasse a identidade de um careta podia lhe tirar a máscara e o mesmo não podia mais brincar. Essa regra não mudou com o tempo. Ela ainda é válida até os dias atuais.

Andam com chocalhos e chicotes além de carregarem por todas as ruas um boneco gigante do Judas, personagem religioso conhecido como o traidor de Jesus Cristo, confeccionado a mão. A brincadeira só termina se alguém conseguir roubar o boneco das mãos dos caretas, o que eu nunca presenciei, ou quando os próprios caretas ateiam fogo nele.

Em conversa com Valternei ele me disse o seguinte: “quando eu era mais moço ficava observando a animação do povo com a chegada da festa, era pegando as roupas das muié, fazendo cada quem suas mascaras, uns fazia de papelão outros caprichava mais um pouco”. Ao passo que sua esposa Girlane Mendes Brito⁴ complementa, “cada quem ia fazendo suas marcaras, uma mais colorida que a outra, hoje o pessoal ate compra as marcaras, mais continua muito bom.”

E sobre a organização da festa Valternei ainda descreve como os brincantes se preparavam até a chegada do dia:

Antes o povo iam dormir lá na minha roça para se preparar e umas 04:00 horas descer pro Morro Grande, pois primeiro passavam no Mato Verde e Circo de Ibititá todo mundo já fantasiado com as mascaras e chicotes. Os meninos neim durmia direito esperando os caretas chegar, era um tempo muito bom. A caminhada era grande, quando os caretas saia do Corta Facão pro Circo, depois vinham pro Mato Verde, Morro Grande pra depois chegar no Corta Facão lá pelas 8:00 horas.

Apesar das entrevistas e pesquisas realizadas, não conseguimos datar o período exato de quando surgiu ou mesmo de onde veio a tradição a qual originou essa brincadeira. Essa memória foi se perdendo, mesmo popularizando ou como diz Brandão (1984), coletivizando, acaba por se perder a origem e é justamente isso que Brandão explica, que o saber se torna público, mas anônimo, no sentido de não conhecer as raízes a qual se originou o saber ou a tradição. Entretanto através dos relatos obtidos a partir de entrevistas realizadas com anciões da localidade, essa

⁴ Entrevista concedida por Girlane Mendes Brito em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas dessa entrevistada no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

tradição já vem perdurando por mais de cinquenta anos, passando assim os saberes e tradições da brincadeira de uma geração a outra.

As festas populares tradicionais reproduzem saberes e crenças que ao longo do tempo se tornam coletivizadas e anônimas. Segundo Brandão (1984, p.38), “[...] saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos”. Os saberes que um dia tiveram seus autores acabam sendo esquecidos e se tornando saberes populares, isso explica porque muitas pessoas não sabem a origem e o significado de muitos saberes tradicionais ou a simbologia das festas. O folguedo dos caretas também é carregado de significados, é uma festa que simboliza a vingança de Judas por ter traído Jesus Cristo por isso a festa acontece um dia após a paixão de Cristo. Suas máscaras coloridas estão presentes em muitas festas populares espalhadas pelo país.

A festa popular é passada de geração em geração de forma oral e pela imitação. O uso de mídias ainda é timidamente usado. Embora essa festa aconteça em muitos lugares como Recife, Ceará e outros, em cada lugar há as suas especificidades e são essas características que imprimem a identidade cultural de cada lugar. Nem é preciso ir tão longe, tendo em vista que em cidades daqui da região existe essa brincadeira como na cidade de São Gabriel, numa comunidade chamada Pitil. Lá a festa existe a mais de 80 anos e reúne pessoas não só da cidade, mas da região inteira e conta com uma diversificada atração cultural, incluindo manifestações como reisado, capoeira entre outras.

Em Hidrolândia de Uibaí essa festa recebe o nome de Brincadeira do Judas e é festejada no período do carnaval, onde as pessoas vestidas de diversas roupas e máscaras coloridas saem com seus chicotes pelas ruas divertindo as pessoas. Essa brincadeira relata a trajetória de Judas Iscariotes que após ter traído Jesus se enforca. Já em Canarana, cidade vizinha á Lapão a festa dos caretas é um desfile. Muitas pessoas se caracterizam assim como na comunidade que eu pesquiso. Roupas diversas, máscaras extravagantes, chicotes, mas o intuito é apenas sair pelas ruas desfilando e dançando ao som do carro que os acompanha, bem como os moradores que se juntam a eles nessa festa. Como já dissemos, cada lugar tem a sua maneira de festejar e é isso que se pretende nessa pesquisa. Estudar, analisar essas especificidades que caracteriza a festa dos Caretas de Corta Facão.

Costurando os cortes e recortes: algumas conclusões

Embora os símbolos da festa permaneçam os mesmos, a comunidade atual é diferente daquela de três, quatro décadas atrás. Os agentes são outros, o contexto atual é diferente, o modo de vida dos jovens é mais dinâmico e interativo. A tradição que outrora era passada oralmente de geração em geração, agora conta com recursos tecnológicos, fotografias e áudio-vídeo.

Em entrevista com Genildo Manoel da Silva (Seu Genildo), neto de Melquídes Cairara, ele nos relata que “a festa dos caretas permanece intacta sem mudanças aparentes no modo de festejar”⁵. É difícil acreditar que com o passar das décadas não houvesse mudanças significativas, que as pessoas comemoram hoje, como antigamente. Seu Genildo não percebeu as mudanças por que talvez esteja impregnado com a história ou perto de mais do objeto ou pelo fato de que essas mudanças tenham ocorrido de modo tão sutil que elas foram se tornando naturais ao modo de ser, ou seja, foram aos poucos adentrando, se misturando como se ela sempre tivesse sido parte daquele todo.

A diferença mais visível que percebemos na festa hoje é com certeza a presença das mulheres participantes, o que um dia já foi impensável. Nas entrevistas realizadas todos dizem que a festa segue sem outras modificações, relatam que a brincadeira é a mesma desde o início em sua configuração e na organização das pessoas. Valternei Miranda confirma isso quando nos fala que a festa “segue a mesma coisa. A tradição continua.” Também Valdirene Miranda, uma das primeiras participantes da festa como mulher, nos contou a mesma coisa. Segundo ela a festa só ficou maior, com mais pessoas brincando, “ficou a mesma coisa” diz ela.

Este ano em questão, participaram cinco mulheres entre quinze e trinta e cinco anos. Gerações distintas que se misturam e se tornam uma só, pelo mesmo propósito e pela mesma alegria. Homens e mulheres, meninos e meninas, pais e filhos. “Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas”. (SANTOS, 1987, p.2).

⁵ Entrevista concedida por Genildo Manoel da Silva em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas desse entrevistado no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

Nossa atenção se voltou para duas figuras que traz uma nova perspectiva ao modo de ver a tradição. A presença de mãe e filha numa festa que foi concebida inicialmente por e para homens. Alexandra Rodrigues da Silva é a mãe e Fabrícia da Silva Bento de 18 anos é a filha. Juntas elas participaram da festa dos caretas neste ano. Sandra⁶ diz que foi a primeira vez que brincou. Em entrevista diz que “sua única preocupação era se teria mais alguém da sua idade”.

Quanto ao preconceito de gênero as mulheres relatam não sofrer. Segundo Valdirene, “aqui no Corta Facão é mais liberal”. Então preconceito não tem? Questiono. “Não, sobre isso não.” Conclui Fabrícia da Silva Bento⁷.

Outra presença impactante é a presença da filha de um dos organizadores e pioneiro da festa, que passa para sua filha a missão de continuar e levar a diante o festejo, mostrando que não se trata do sexo, mas do gosto, da vontade de fazer acontecer, deixando claro que o preconceito também é algo passível de mudança. Assim como a sociedade é dinâmica e viva, não podia ser diferente com as culturas populares. É isso que Arantes (2012) traz no seu livro *O que é cultura popular?* quando afirma que mesmo que os símbolos continuem os mesmos, visto que as características externas são preservadas a saber, os objetos, as palavras, os gestos, os movimentos, mas o que não se consegue é “evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos.” (ARANTES, 2012, p.22).

A importância em estudar as culturas é que elas contribuem para o entendimento dos processos de mudanças e transformações da sociedade e pela qual podemos entender suas nuances e particularidades e compreender melhor esse processo de transformação e como eles modificam a realidade de uma geração a outra. Seu Genildo embora tenha passado por várias gerações, pode não ter notado as mudanças de significado pela qual cada contexto tenha gerado, e tenha focado apenas nas características exteriores, aquilo que caracteriza a festa em si. Na nossa infância, jamais percebemos que tinham mulheres fantasiadas. Os

⁶ Entrevista concedida por Alexandra Rodrigues da Silva em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas dessa entrevistada no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

⁷ Entrevista concedida por Fabrícia da Silva Bento em 25/05/2019. Para outras citações referentes às falas dessa entrevistada no percurso do texto, não utilizo mais nota de rodapé. Cito o nome e os dados estão na lista de referências final.

caretas, para nós, eram figuras masculinas e aterrorizantes com chicotes e saias. Hoje conseguimos identificar algumas figuras femininas, outras se camuflam debaixo de tantas vestes que deixam todos iguais.

O modo de se fazer a festa se perpetua, é o que constitui a tradição, o que difere são os contextos e os agentes atuantes. Fazemos essa afirmação a partir do nosso trabalho em campo, das pesquisas e entrevistas que realizamos na comunidade. Todos os entrevistados e informantes dentre homens e mulheres de diferentes idades nos relataram que a festa se organiza do mesmo modo que anos atrás, sendo então a presença das mulheres a mudança principal. E este ano em questão, a presença delas foi mais marcante, tendo em vista que apenas os homens mais jovens participaram enquanto que as mulheres se diversificaram, das mais jovens as mais velhas, como Sandra de 44 anos, Valdirene com 47 e Fabrícia de 18 anos, nossas entrevistadas.

Isso se dá pelo fato de o cenário atual está muito mais diversificado do que foi há muitos anos. Os jovens são mais informados, comunicativos e as mulheres já não estão mais tão preocupadas com o julgamento. Embora em entrevistas muitos relatem que a comunidade em questão não tinha uma visão negativa para a participação das mulheres e que eram elas mesmas que se isentavam de participar, visto que a brincadeira é violenta, Valternei Miranda faz menção ao próprio receio das mulheres em participar por medo de se machucarem com a brincadeira que é violenta e pode ser perigoso. Ele confessa que “é por causa do medo delas, até hoje tem”.

Por se tratar de um lugar pequeno e familiar a brincadeira acaba sendo abraçada por todos os moradores, dando uma sensação de liberdade para que todos que queiram participar se sintam à vontade para fazer parte da festa. Sobre isso conclui Girlane Brito: “aí corria risco de se machucar, aí as mulheres ficaram com medo disso”. Mas o medo de se machucar não impediu que mais mulheres se interessassem em participar.

É nesse movimento que a sociedade e o contexto a qual ela está inserida causam impactos na tradição, e aos poucos ela vai se modificando e gerando uma nova visão, outro modo de ver o social. “Para que se entenda isso, é preciso que se pense a cultura no plural e no presente e que se parta de uma concepção não normativa e dinâmica.” (ARANTES, 2012, p. 22). Essa dinâmica gera movimento e

liberdade. Liberdade que dá possibilidade aos mais velhos irem ensinando aos mais novos os saberes que envolvem as identidades dessa comunidade de Corta Facão.

REFERÊNCIAS:

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 4. ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. **O que é educação**. – São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 6. ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina** / Beatriz Sarlo; tradução, Sérgio Alcides. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**. Organização. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. (Salto para o futuro).

Fonte oral: entrevistas

MIRANDA, Valternei Batista. Valternei Batista Miranda. 46 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

MIRANDA, Narjara Brito. Narjara Brito Miranda. 19 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

MIRANDA, Valdirene Alves de. Valdirene Alves de Miranda. 46 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

BRITO, Girlane Mendes. Girlane Mendes Brito. 41 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

SILVA, Alexandra Rodrigues da. 44 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

BENTO, Fabrícia da Silva. 18 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

SILVA, Genildo Manoel. 62 anos: [MAI.2019]. Entrevistadora: Ana Paula Oliveira Santos. Bahia: Lapão, 2018. Áudio mp3. Entrevista concedida a autora para pesquisa.

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2020

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424